
Carnaval e São João: Processos comunicacionais na construção da identidade cultural maranhense¹

Francinete Louseiro de Almeida²
Josefa M e S. Bentivi Andrade – ZEFINHA BENTIVI³
Maria do Carmo Prazeres Silva⁴
Protásio César dos Santos⁵
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O artigo apresentado é síntese da pesquisa *in progress* do DIVERSUS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, objetivo principal explicar como se constitui a identidade cultural do maranhense a partir dos aspectos eminentemente comunicacionais presentes nas festas populares: *Carnaval e São João*. Para tanto, a pesquisa se propõe a mapear os territórios onde se originam as manifestações culturais das festas: *Carnaval e São João*; identificar os principais personagens que compõem as referidas festas e descrever os aspectos da linguagem e da comunicação que constituem as narrativas das festas. Como método de análise, optamos pela narratologia hermenêutica em Paul Ricouer, nos três momentos da mimese aristotélica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Social; Folkcomunicação; Festa; Cultura Popular; Narratologia

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Relações Públicas, Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS. Membro do DIVERSUS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: nethlouzeiro@yahoo.com.br

³Jornalista, Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul (PUC-RS), Mestra em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialista em Jornalismo Cultural pela UFMA. Membro do DIVERSUS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: zefinhbentivi@yahoo.com.br

⁴ Relações Públicas, Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Membro do DIVERSUS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: mcprazereso@hotmail.com

⁵ Relações Públicas, Professor Associado III da Universidade Feral do Maranhão. Doutor em Ciências Ambientais. Mestre em Comunicação. Especialista em Administração. Membro do DIVERSUS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: labcom17@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O Maranhão é um estado que possui uma cultura popular muito rica e, por isso, é tema de enorme abrangência, razão pela qual continua sendo um campo relevante de pesquisa. O artigo que trazemos é síntese de um projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo o *Carnaval* e o *São João*, por reconhecermos nestes as maiores festas representativas de nossa cultura. Considerando tal premissa, buscamos conceitos aplicáveis ao tema. Iniciamos pelo entendimento da categoria macro que sintetiza o *Carnaval* e o *São João*: a (s) festa (s). Na Antropologia, na Sociologia, a festa, além de ser um fenômeno de lazer e de entretenimento, revela-se uma necessidade essencial aos seres humanos. Como afirma Michel Maffesoli, “seja nas idas às *boates*, nos ajuntamentos religiosos, nas diversas peregrinações exóticas ou na multiplicação das práticas esportivas, o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetivo”. (MAFFESOLI, 2007, p. 42).

A festa é, portanto, espaço para compartilhar as emoções, preenchendo a vida dos indivíduos de esperança e de possibilidades. A própria celebração da vida pertence a esse mundo de sensibilidades, construído pelos indivíduos, nos seus momentos de conagração, revelando-se “[...] o espaço por excelência de reunião social, de assembleia coletiva e de solidariedade” (PEREZ, 2011, p.45).

A antropologia evidencia, desde sua constituição como disciplina, que festas, notadamente religiosas, marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida coletiva, a periodicidade das passagens. Pautam, ainda, as formas de agregação e de solidariedade coletiva e indicam as emoções e as paixões comuns. (PEREZ, 2011, p. 26).

Nesses momentos de intensidade da vida coletiva, os indivíduos buscam sua reafirmação e suas paixões comuns. As festas, dessa maneira, sejam religiosas ou laicas, são espaços ritualísticos que constituem uma espécie de busca de identidade⁶, uma vez que os indivíduos precisam destes rituais para encontrarem suas origens e respaldarem aquilo que são. É, pois, na aproximação proporcionada pelas festas, que os indivíduos reafirmam-se como tais, em processo de reconhecimento e de identificação. A festa,

⁶ O conceito que trazemos, nesta pesquisa, sobre *identidade*, parte da noção do *sujeito sociológico*, apresentado por Hall: “[...] o sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com *outras pessoas importantes para ele*, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura - dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2001, p. 11).

podemos assim afirmar, serve como provocação para um renascimento. “Para existir, para viver plenamente a sua condição, uma comunidade precisa se circunscrever culturalmente, para definir os limites de sua existência, identificando sua paisagem ontológica”⁷ (JORON, 2012, p. 23, tradução nossa). Concordamos com o autor que, sem identificar a sua condição plena, as pessoas não desenvolvem um relacionamento comum, razão pela qual as festas se tornam espaços que proporcionam momentos de identificação coletiva nos quais e pelos quais os indivíduos se veem e se reconhecem em suas origens.

E o reconhecimento de que tratamos acima se dá, fundamentalmente, na e pela comunicação, posto que tanto o *São João* quanto o *Carnaval* são eventos concebidos, neste artigo, como um sistema de comunicação simbólica que atribui um sentido singular à cultura maranhense por meio de mensagens que constroem e sustentam a *maranhensidade*⁸. É, pois, pela via dos fenômenos comunicacionais – “interações culturais ou grupais, as mediações (técnicas ou sociais), os conflitos e disputas coletivas no âmbito do discurso, a sociabilidade e a subjetivação” – (YAMAMOTO, 2013, 102) que enquadramos o *Carnaval* e o *São João* como construtores da identidade cultural do maranhense.

Respaldados nessas concepções da festa e da comunicação é que buscamos, na pesquisa proposta, entender como o *Carnaval* e o *São João* são constitutivos de nossa identidade; da maranhensidade, portanto. Para tal, trazemos como problema de pesquisa o seguinte questionamento: *De que forma as festas populares São João e Carnaval constituem a identidade cultural maranhense?* Para dar conta desta problemática, elegemos como objeto teórico desse projeto *a identidade*. Como categorias de análise, *os espaços e os personagens – os fazedores de cultura*, categorias a partir das quais observaremos o caráter eminentemente comunicacional das festas.

⁷ Pour exister, pour vivre pleinement sa condition, une communauté a besoin de se circonscrire culturellement, de définir les limites de son être-là, d’identifier son paysage ontologique (JORON, 2012, p. 23).

⁸ Para Borralho (2009), este termo ganhou ressonância durante a campanha de 2006, do então candidato ao governo do Estado, Jackson Kleper Lago (PDT), expressando as formas de sociabilidade cultural maranhense. A “*maranhensidade*” enquanto conceito evoca tudo que simboliza o que é ser maranhense, incluindo nisso até a *Athenas Brasileira* como derivação da mistura racial. Ao longo do século XIX a *Athenas Brasileira* estava restrita à imagem de São Luís e não da província e, depois, Estado do Maranhão. A transmutação e ampliação da *Athenas* para os outros maranhenses faz parte de um longo movimento de invenção da “*maranhensidade*”.

Importa-nos acrescentar que, para além dos estudos que vinculam a comunicação a um aparato tecnológico, cuja centralidade é o sistema midiático em todos os seus formatos, encontramos também aporte teórico em autores que percebem a comunicação de maneira mais interacional e dialógica, isto é, preocupam-se em enxergar a comunicação sob os mais diversos aspectos de produção de sentido, como prática das vivências daqueles que partilham espaços e repertórios comuns. (BRAGA, 2006, 2010, 2016).

Esta é perspectiva que adotamos para pensar o *Carnaval* e o *São João*. Assim considerando e, fundamentados no que Barthes (2001) nos apresenta, ao conceber que “a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a”. (BARTHES, 2001, p. 224), propomos um percurso teórico metodológico que nos fará enxergar, pelos olhares das festas e da comunicação, a identidade cultural maranhense.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os grandes rituais da cultura brasileira (como o carnaval, as festas cívicas e o futebol), segundo Da Matta (1979), são modos por meio dos quais a realidade brasileira se desdobra diante dela mesma. Para o autor, o estudo desses rituais permite apreender como os brasileiros representam sua sociedade e como dramatizam suas contradições. Tais rituais têm sido recorrentes nos estudos das Ciências Humanas e Sociais, notadamente, a Antropologia e a Sociologia, ciências que se ocupam das dimensões que constituem os diversificados eventos da cultura popular, como a política, a economia, a estética, entre outras. Poucos estudos, contudo, têm se voltado para a dizibilidade destes rituais, para a dimensão comunicativa que estes constituem e pela qual são também constituídos. Partindo desses princípios é que compreendemos ser oportuno e necessário realizar um estudo que busque entender como o *Carnaval e o São João* dizem do que somos, da nossa identidade, dos modos de dizer, portanto, dos modos de ser dos maranhenses. Entendemos aqui com Trigueiro (2005, p. 01) que a identidade de um povo passa pelos processos de construção e reconstrução das manifestações da cultura popular. Conforme o autor,

Ao longo do tempo essas práticas sempre fizeram parte dos processos das transformações culturais e religiosas da sociedade humana e das

suas relações simbólicas entre a realidade e a ficção, dando origem aos diversos protagonistas e suas performances nos festejos populares. São essas práticas do passado que chegam ao presente com as suas diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades. **Identidade aqui compreendida como um processo cultural em constante movimento entre os espaços públicos e privados das instâncias sociais** (grifos nossos). (TRIGUEIRO, 2005, p. 01)

A esse respeito, Augé afirma que “a identidade e a relação estão no cerne de todos os dispositivos espaciais estudados classicamente pela antropologia”. (AUGÉ, 1994, p. 56). E, como seres que se identificam em “relação a”, as pessoas precisam do afeto e do compartilhamento. Por isso, as festas trazem, além do lúdico, do lazer e do entretenimento, situações que expressam necessidades inerentes à nossa vivência em sociedade. Ao falarmos de festas, como espaços ritualísticos, nosso olhar busca reconhecer, nesses momentos, questões ligadas às origens dos indivíduos. Tudo isso porque, em ocasiões festivas, é comum as pessoas terem contato com as suas raízes e se reconhecerem. Assim, nos ajuntamentos com os seus pares, muitos indivíduos se encontram, inclusive, em autodescobrimento de suas potencialidades, uma vez que as festas possuem o caráter de identificação, principalmente as festas populares, as quais, oriundas, sua maioria, das festas religiosas, tornam-se espaços de diversidades que constituem a sociabilidade, expressando, inclusive, as contradições inerentes ao processo de festejar.

A festa continua, a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, porque não é apenas um movimento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas nela se repetem. (CANCLINI, 1983, p. 55).

O que se entende, na afirmação do autor, é que, enquanto espaços plurais, as festas conseguem situar as aspirações e anseios dos indivíduos, mas também registram as diferenças sociais, as disputas por espaços, tanto de natureza física, quanto aquelas que se situam nos imaginários e nos desejos do ser humano. Além do mais, por constituírem espaço plural, determinadas festas requerem um planejamento prévio para que os objetivos traçados possam ser alcançados. A partir daí, elas ganham uma

programação e uma atenção especial, inclusive sendo inseridas em calendários anuais de comemorações.

Chegamos, então, à festa como evento, ou seja, as festas que são programadas e planejadas antecipadamente. Elas perdem o caráter amador, no sentido da sua organização, e começam a ter uma roupagem mais profissional, chegando a mobilizar um número variado de pessoas (a depender do tipo de evento) na sua produção e operacionalização. Neste caso, são festas (eventos) que costumam ser realizados por mais de um campo social (BOURDIEU, 2004). Esses campos, enquanto espaços de relações de forças, encontram, nas festas e rituais, a oportunidade para se legitimarem.

Eis o que torna instigante o nosso projeto ou mesmo o justifica, pois entendemos que, no Maranhão, especificamente em São Luís, o *Carnaval* e o *São João* são realizados nas ruas, nos clubes, nas praças, nas avenidas, na passarela, nos arraiais, em espaços públicos e privados, com ou sem a participação do poder público. Enfim, são múltiplas as possibilidades de espaços em que se podem encontrar manifestações das festas junina e carnavalesca. São também protagonizados por diferentes atores sociais, em arranjos que complexificam as festas pela variedade de campos envolvidos.

É importante frisar que, embora estas festas sejam o construto da diversidade de que resulta a cultura brasileira, da miscigenação de povos e culturas (DA MATTA, 1973,1979), o resultado desta mistura não se dá de mesmo modo. Assim é que o *Carnaval* e o *São João do Maranhão* apresentam particularidades e singularidades que os fazem únicos em que pese serem também universais. Convém-nos problematizar, contudo, que os estudos que se voltam para a compreensão da cultura popular do Maranhão, especificamente aqueles cujas temáticas sejam o *Carnaval* e o *São João*, têm se voltado em larga escala para o entendimento e/ou a descrição das diferentes manifestações que constituem as festas.

Por justiça, reconhecemos haver uma variedade de estudos sobre bumba meu boi; cacuriá; escolas de samba; blocos tradicionais; tambor de crioula, entre outras “brincadeiras”, porém há uma escassez de produção de conhecimento sobre a (s) festa (s). Esta uma constatação realizada por Almeida (2018), autora cuja pesquisa aporta conhecimento sobre os rituais do São João do Maranhão, tomando como objeto de estudo a festa junina. Lacuna maior ainda a autora identificou em relação a estudos sobre tais festas numa perspectiva comunicacional. Notamos ainda que os enfoques

teóricos acerca do tema festa (s) não dão relevância aos atores que idealizam, concebem e produzem a festa (AMARAL, apud, SILVA 2009, p. 49).

Tais atores estão denominados, nesta pesquisa, como personagens e/ou fazedores culturais. A dupla denominação se deve ao fato de que, tomando como aporte teórico-metodológico a hermenêutica-narratológica, a ser detalhada adiante neste projeto, “ambas as categorias [...] são noções móveis do ponto de vista narratológico, pois nem pessoas nem personagens são conceitos objetivos; uma pertence a apreensões do sujeito no cotidiano, enquanto a outra é resultado de variações imaginárias do cotidiano”. (CARNEIRO, 2017, p. 54). Outra questão não menos significativa diz respeito aos estudos sobre os espaços em que as festas se realizam.

Sobre espaço, recorremos a Certeau:

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É, de certo modo, animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1994, p. 202).

Nosso conceito de espaço parte justamente do que nos diz o autor, quando cita o efeito que o circunstancia e o temporaliza. No momento em que são garantidas essas circunstâncias, determinados espaços que se refletem numa *proximidade contratual*, começamos a realizar um espaço, ou seja, o “espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202). São nessas ordenações que reconhecemos a existência dos espaços. Na explicação do que seria o espaço, Certeau (1994) traz o entendimento sobre os relatos de espaços, que se caracterizam por um *fazer* e um *ver*. O *fazer* estaria na instância do que seria um itinerário; já o *ver* está na instância de um mapa.

A questão toca finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. Dois polos da experiência. Parece que, da cultura *ordinária* ao discurso científico, se passa de um para o outro. (CERTEAU, 1994, p. 204-205).

Ambos, o fazer e o ver, estão num campo da ação, do acontecimento, da atividade e do movimento. Por isso, esse é o espaço, o da execução e o da realização. Olhando para a nossa pesquisa, procuramos, não somente ver o lugar físico em que se realiza a festa, mas, principalmente, o fazer desse espaço. “As relíquias verbais de que

se compõem o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico”. (CERTEAU, 1994, p. 188).

São os nossos espaços,

de uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas a casa) desde os quartinhos, tão pequenos “que não se pode fazer nada neles” até ao legendário celeiro, desaparecido, “que serve para tudo”, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço (CERTEAU, 1994, p. 207).

Não importa aqui que pensemos, como afirma o autor, em quartinhos ou em celeiros, em espaços produtivos ou não, o que nos importa é o que fazer nesses, e desses espaços. É, portanto, nessa feitura de espaços que reconhecemos a atuação da festa, são os espaços desenvolvidos e determinados por uma cultura que se eterniza, reafirma-se e se renova, pois, “praticar espaço é, portanto, repetir a experiência jubilatória e silenciosa da infância. É, no lugar, ser outro e passar ao outro” (CERTEAU, 1994, p. 191). Acompanhando Certeau, podemos afirmar que as festas *Carnaval* e *São João* são reiteradas em vários momentos e em várias histórias. O passar ao outro, como afirma o autor, nesses espaços praticados na festa, é um percurso que começa no estímulo de estar ali, de sentir os sabores típicos, de conhecer as histórias e as lendas que alicerçam nosso folclore e de se envolver nas batidas dos diversos ritmos que tocam e soam nos períodos junino e momesco. Augé (1994, p. 76) usa a terminologia *lugar antropológico* para se referir ao espaço *inscrito e simbolizado*. O lugar antropológico, para o autor,

É necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento. O lugar antropológico, para eles, é histórico na exata proporção em que escapa à história como ciência (AUGÉ, 1994, p. 53).

Nesses termos, podemos afirmar, por exemplo, que o centro histórico de São Luís conjuga identidade e relação. Identidade enquanto construção das relações entre os atores sociais. Como patrimônio histórico da humanidade, os casarões que compõem a arquitetura desse espaço, preservam, não somente uma história, mas essa relação do lugar vivo, que pulsa e que é preenchido no cotidiano das pessoas, que ali trabalham,

moram ou que somente ali se divertem e o visitam. Espaços existem na medida em que são narrativizados, uma vez que são as narrativas práticas sociais discursivas, por meio das quais se tecem os saberes acerca do mundo. Para Charaudeau

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvendá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade (CHARAUDEAU, 2009, p. 131).

A esse respeito, Kant (apud SODRÉ, 2009, p. 28) afirma que “os fatos são objetos para conceitos cuja realidade objetiva pode ser provada (seja mediante pura razão, seja pela experiência)”. Comporta, assim, uma atribuição de sentido, conclama do sujeito uma interpretação, o que significa tornar-se acontecimento que se disponha como objeto para a consciência. Sentidos que se materializam em diferentes narrativas que traduzem o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo, proporcionando a compreensão dos fenômenos do mundo físico ou do mundo cultural, pela via das linguagens, portanto, da comunicação.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O direcionamento dado ao problema de pesquisa surgiu pela compreensão de que a comunicação humana requer estudos que se complementem. Foi o que percebemos, ao adentrar no estudo das festas da cultura popular, cujos processos de comunicação instituem-se nas e pelas linguagens. Para se chegar, porém, a respostas possíveis, necessário se faz um suporte metodológico que sustente nossas análises. Esse suporte pode nos ser oferecido pelos sistemas de linguagem, o que confirmamos, com Marin (2006), autora que nos leva a refletir sobre os percursos de sentidos.

Afinal, só se pode entender a complexidade da comunicação humana nas complementaridades existentes entre os domínios culturais e os sistemas linguísticos; a subjetividade e a lógica; o motivado e o arbitrário; o cultural e o lexical; o individual e o coletivo. Assim, o processo da significação exige, ao mesmo tempo, que o sujeito faça uso do apreendido, das experiências, mas, ainda, das convenções, construindo percursos de sentido a partir dos sentidos subjetivo, socializado e convencionalizado (MARIN, 2006, p. 294).

De certo que a construção de percursos de sentido (MARIN, 2006) requer o uso de estratégias metodológicas, o que inclui a escolha do método e das técnicas de pesquisa, razão pela qual apresentamos aqui os métodos e as técnicas a serem utilizados neste trabalho. Assim, para dar conta da diversidade de informações contidas em nosso objeto de estudo, buscamos construir uma metodologia que acolhesse a complexidade desse objeto. Nesse sentido, traçamos um caminho que se iniciou com um levantamento bibliográfico, etapa fundamental para qualquer pesquisa. Esse levantamento está sendo realizado com a identificação de fontes direta e indiretas, em documentos e dispositivos digitais, entre outros. Em seguida, propomos um mapeamento dos espaços em que tradicionalmente ocorrem as festas, identificando as peculiaridades que os constituem enquanto espaços culturais. Feita esta etapa, identificaremos os personagens (fazedores de cultura) que tradicionalmente fomentam a realização das festividades como produções culturais maranhenses.

Como coleta de dados, optamos pela observação participante, “O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda” (BECKER, 1997, p. 47). Vale lembrar que nesta etapa serão produzidos os diários de campo, “principal ferramenta do etnógrafo, muitas vezes ignorado pelo sociólogo. É um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca” (BEAUD, 2007, p. 65). Finalmente teremos as entrevistas e os registros fotográficos e audiovisuais. Como método de análise dos dados trabalharemos com a narratologia hermenêutica em Paul Ricoeur. Para o autor, a significação social da experiência passa por uma forma de inteligibilidade narrativizada. O autor parte dos três momentos da mimese aristotélica, denominando-os de *mimese I*, *mimese II* e *mimese III*. Na I, tem-se a prefiguração do campo prático, (o mundo prefigurado); na II, dá-se a configuração textual ou a mediação, (o mundo configurado) e na III, a refiguração pela recepção da obra, (o mundo refigurado).

É construindo a relação entre os três modos miméticos que constitui a mediação entre tempo e narrativa. É essa própria mediação que passa pelas três fases da mimese. Ou, em outros termos, para resolver o problema da relação entre tempo e narrativa, devo estabelecer o papel mediador da tessitura da intriga entre um

estágio da experiência própria que a precede e um estágio que a sucede (RICOUER, 1994, p.87).

A intriga a que se refere Ricouer é tecida na própria narrativa, ou, em suas palavras, uma síntese do heterogêneo porque transforma os acontecimentos ou incidentes em uma história. Assim, a tessitura da intriga é um conceito complexo que supõe a capacidade de identificar a ação por seus traços estruturais (do mundo prefigurado); elaborar uma significação articulada da ação (semântica da ação) e identificar mediações simbólicas da ação, em forma de texto em todas as suas formas. Nesse sentido, compreendemos que o ser humano é, antes de tudo, constituído pela linguagem. A necessidade de interação o faz um ser social. Como ser social, a pessoa sente necessidade de se expressar e de estabelecer relações umas com as outras. Assim, a narração é importante fator de interação e diálogo entre os seres. É atividade fruto de uma necessidade e constitui comunidade, cultura e pertencimento entre os indivíduos, tanto no que se refere a narrativas que tenham o objetivo de construir discursivamente a realidade, como as narrativas ficcionais.

Para Motta (2012, p. 26), o trabalho das análises narrativas consiste justamente em compreender o próprio ser humano, o mundo humano, demarcar identidades, saber o que se narra e quem é esse narrador. O autor reforça o nosso entendimento de que as narrativas não se atêm somente à ficção, abrindo-se uma nova perspectiva de análise das narrativas factuais. É, pois, partindo deste referencial, que observaremos a relação que se estabelece entre os atores e os espaços que constituem as festas populares mais importantes do Maranhão: o *Carnaval* e o *São João*.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Em linhas gerais, toda produção científica deve gerar resultados para que uma sociedade cresça e se desenvolva. Esta pesquisa busca um estudo sobre nossas festas populares, para além dos estudos e discussões sobre as manifestações culturais de nosso folclore. É preciso reconhecer aquilo que nos singulariza, representa-nos e nos identifica enquanto maranhenses. Por isso, como resultado de pesquisa, propomos: construir e disseminar o conhecimento acerca da temática através de palestras e seminários em universidades e escolas da educação básica do estado e do município. Tais atividades poderão se tornar um projeto de extensão a partir dessa pesquisa.

Além dessa primeira atividade, buscamos expandir os estudos sobre a maranhensidade por meio de publicações em revistas científicas e apresentações em congressos. E, finalmente, como resultado e divulgação desse trabalho que realizaremos será produzido um documentário que falará sobre as nossas duas maiores festas do estado – o *Carnaval* e o *São João*.

Ressaltamos que, pelo caráter inédito da pesquisa, o impacto se apresenta como uma nova forma de ver, perceber e entender a festa, naquilo que ela nos comunica em ser genuinamente maranhense.

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Francinete Louseiro de. **Rituais E Folkcomunicação – Um Sistema de Comunicação Simbólico no São João do Maranhão**. Porto Alegre, Tese (Doutorado), 2018.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papius, 1994.

BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 224.

BEAUD, Stéphane. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equicional**: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. 2009. 332f. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós- graduação em História, Universidade Federal de Fluminense, Niteroi, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRAGA, José Luíz. Análise performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: BRAGA, José Luíz Braga. LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. MARTINO, Luiz Claudio. **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **Revista de Comunicação Cultura e Política**, v. 10, n. 20, p. 41-54, jan./jun. 2010.

_____. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Epistemologia da comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA/USP, 2016.

_____. **A sociedade enfrenta sua mídia:** dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARNEIRO, José Vanderlei. **Hermenêutica e Narratologia:** por uma redefinição da narrativa à luz do pensamento contemporâneo. Curitiba-PR: Editora CRV, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.

DA MATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural.** Petrópolis, Vozes. 1973.

_____. **Carnavais, Malandro s e Heróis.** Rio de Janeiro, Zahar. 1979.

DA MATTA, Roberto; NEVES, Luíz Felipe Baeta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **O universo do Futebol.** Rio de Janeiro, Pinakothteke, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JORON, Philippe. **La fête à pleins bords. Bayonne:** Fêtes de rien, soif d’absolu. Paris CNRS. 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida:** Variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARIN, Elizara Carolina. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy (org.). **Metodologia de pesquisa em comunicação:** Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. Petrópolis: Vozes. 1998.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narrativas midiáticas.** Florianópolis: Insular, 2012.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade:** Corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. **O Reinado de momo na terra dos tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996).** Teresina: UFPI, 2009. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). UFPI

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato:** Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. 1v.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Desentranhar o comunicacional: a comunicação segundo José Luiz Braga. **Questões Transversais: Revista Epistemológica de Comunicação**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2013.